



## **VIOLÊNCIA NAS PEDRINHAS: NARRATIVAS DE JOVENS, O SENTIDO DE SER IDENTIFICADO COMO BANDIDO (VITÓRIA DA CONQUISTA-BA)**

Carmelúcia Santana de Souza<sup>8</sup>  
(UESB)

João Diógenes Ferreira dos Santos<sup>9</sup>  
(UESB)

### **RESUMO**

Este artigo é resultado das reflexões e análises da dissertação intitulada “Desvelando as Pedrinhas: narrativas de jovens atendidos pela Associação de Amigos da Pastoral do Menor da cidade de Vitória da Conquista, Bahia (1999-2014)” do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. A pesquisa trata sobre os jovens inseridos e egressos da Associação de Amigos da Pastoral do Menor do bairro Pedrinhas no município de Vitória da Conquista-BA. Utilizamos como recurso metodológico as narrativas de jovens, suas identidades foram preservadas e seus nomes são fictícios. O estudo identificou que os entrevistados consideram que são percebidos como pessoas perigosas, como bandidos no contexto da cidade referida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Violência, Jovens, Pedrinhas.

---

\*Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade, pelo Programa Pós-graduação em Memória- PPG UESB. Membro do grupo de pesquisa: As Múltiplas Faces dos Estudos sobre Gênero, Infância e Juventude do Museu Pedagógico. (Email: [carmelucial@hotmail.com](mailto:carmelucial@hotmail.com)).

---

8

<sup>9</sup>\*Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade, pelo Programa Pós-graduação em Memória- PPG UESB. Membro do grupo de pesquisa: As Múltiplas Faces dos Estudos sobre Gênero, Infância e Juventude do Museu Pedagógico. (Email: [carmelucial@hotmail.com](mailto:carmelucial@hotmail.com)).

\*\* Professor Dr. da UESB e do Programa de Pós-graduação em Memória-UESB. (Email: [diovc@uol.com.br](mailto:diovc@uol.com.br)).



## INTRODUÇÃO

Violência é uma expressão que faz parte do cotidiano dos nossos entrevistados, do dia a dia de suas famílias, enfim, da realidade dos demais moradores das Pedrinhas, localidade do bairro Cruzeiro na periferia da cidade de Vitória da Conquista-BA, e de toda sociedade em qualquer lugar do planeta. Mas, viver num contexto onde as pessoas são vistas como marginais, bandidos e delinquentes por serem e habitarem em condições distintas dos demais habitantes da urbe, inclusive, em situações que, determinadas por um sistema que os faz desiguais no contexto citadino, por si só, já os colocam numa posição de violência. Assim, o artigo tem como objetivo discorrer sobre as vivências dos jovens referidos na relação com a violência no contexto do bairro onde moram.

Neste sentido, Daiane<sup>10</sup>, um dos jovens entrevistados em nossa pesquisa fala como entende o fenômeno:

O que é violência? Porra violência tá muito ligado ao respeito e ao amor, porque tudo que você faz que não é com a intenção de ajudar você está agindo com violência em alguma situação, em algum meio. Tudo que você faz com uma situação que não é boa, você tá violentando ali.

Para a entrevistada, à medida que a sociedade discrimina a ela e a seus pares pela condição de ser diferentes e não se “encaixarem” no que foi estabelecido como “normalidade”, a sociedade os desrespeita e os violenta.

Conceituar a violência é uma tarefa difícil, contudo, na atualidade, é um tema discutido por toda sociedade brasileira, seja no senso comum ou no âmbito acadêmico. Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), o fenômeno estabelece “o uso da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar

---

<sup>10</sup>Entrevista concedida em 10/02/14, Jovem egressa da AAPM, 24 anos.



em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação” (OMS, 2002, p. 5).

Fraga (2006, p. 45), ao tratar da temática, enfatiza que a violência “está no interior da tessitura da história humana” e precisa ser analisada dialeticamente, pois tem um espaço na envergadura das contradições sociais. Minayo (1994), do mesmo modo, analisa que a violência faz parte da própria condição humana, uma vez que o homem, enquanto cidadão é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto do fenômeno.

Nessa base de análise, Santos (2002, p. 3), ao discorrer sobre o assunto, avalia que, hoje, “trata-se de uma ruptura do contrato social e dos laços sociais, provocando fenômenos de desfiliação e de ruptura nas relações de alteridade, dilacerando o vínculo entre o eu e o outro<sup>11</sup>”, mediante o uso da força ou da coerção, aspecto que gera algum tipo de dano, configurando o oposto das possibilidades da sociedade democrática contemporânea. A violência é, de acordo com o autor, a criadora da sociedade dividida e desigual e tem sua origem nas relações de dominação e de submissão, isto é, nas relações de poder.

A violência, nessa perspectiva, constitui, para Zaluar e Leal (2001), uma prática disciplinar que produz um dano social, um dispositivo de excesso de poder. As autoras consideram que, no Brasil, diversos teóricos preocuparam-se em marcar as diferenças entre poder e violência. Inspirando-se em Arendt (1995) e em sua consideração do fenômeno como um instrumento e não como um fim, pontuam que os instrumentos da violência, para essa autora, seriam mudos, abdicariam do uso da linguagem que caracteriza as relações de poder, baseadas na persuasão, influência ou legitimidade.

Santos (2007), nesse esteio de análise, salienta que a violência impede o diálogo entre os sujeitos, assim, o indivíduo que violenta não permite ao outro o direito de argumentação e defesa. Portanto, enquanto processo, a violência retira o homem de sua condição humana.

---

<sup>11</sup>Para Santos (2002), a violência “supõe um dano que se produz em outro indivíduo ou grupo social, seja pertencente a uma classe ou categoria social, a um gênero ou a uma etnia. Envolve uma polivalente gama de dimensões, materiais, corporais e simbólicas.



De acordo com Chauí (1985), a violência precisa ser analisada sob dois ângulos: primeiro como conversão de uma diferença e de uma assimetria numa relação hierárquica de desigualdade, com fins de dominação e opressão, ou seja, converte os diferentes em desiguais; segundo, configura-se violência quando a ação de uma pessoa é impedida, caracterizada pela passividade e pelo silêncio, assim, o ser humano é tratado como uma coisa e não como um sujeito.

Espinheira (2011), seguindo o percurso interpretativo dos demais autores, enfatiza que violência e crime não derivam de desvios pessoais, são construções sociais quando a própria sociedade não viabiliza as condições necessárias para que as pessoas possam sobreviver e existir dignamente. A pobreza urbana periférica, dessa forma, constrange, abandona e não aceita a exclusão de forma passiva, ela reage para se articular com o centro, mesmo que seja através do crime e da contravenção.

Para Yasbec (2010, p. 01), a pobreza “é expressão direta das relações vigentes na sociedade em que convivem acumulação e miséria”. Essa análise se afina com a afirmação de Telles e Cabanes (2006, p. 11) sobre as disjunções da cidade:

De um lado, os artefatos da ‘cidade global’ e, de outro, os ‘pobres’ e ‘excluídos’ tipificados como público-alvo de políticas ou programas ditos de inserção social, há um entramado social que resta a conhecer, que não cabe em modelos polares de análise pautados pelas noções de dualização social, que escapa às categorias utilizadas para a caracterização da pobreza urbana e transborda por todos os lados do perímetro estreito dos “pontos críticos” de vulnerabilidade social identificados por indicadores sociais.

Os autores entendem que existem duas realidades urbanas em transformação: da cidade completa, “global”; e da cidade despedaçada, fissurada, onde os indivíduos são identificados como público de políticas ou programas sociais, os denominados de pessoas vulneráveis.

No trânsito dessa discussão, Miraglia (2006, p. 111-112) afirma que a temática precisa ser pensada sob dois aspectos: primeiro, no âmbito do material, das necessidades básicas; segundo, envolve os direitos baseados em privilégios, a pequena



presença do Estado. O conceito de violência é pensado como uma acepção “escorregadia” pois, a categoria é multicausal.

Nesse sentido, DaMata (1994, p. 38) enfatiza que:

Uma sociedade fala de si, quando classifica o que considera violento. Além de falar de si, neste mesmo sentido, se as versões variadas de violência são, ao mesmo tempo, produto e produtor de contextos, estabelecendo uma relação circular entre causa e consequência, elas também ajudam a construir o inimigo – seja ele o pobre, o terrorista, o jovem, o imigrante, o guerrilheiro civil; assim, como as vítimas – mulheres, crianças, cidadãos de bem, excluídos, etc.

Essa leitura é interessante para percebermos que, quando a sociedade conquistense considera que nas Pedrinhas há violência e que sua população representa risco para os demais habitantes ou para parcela da população da cidade, para os que moram “na cidade de muros”, conforme à análise do autor acima, Vitória da Conquista, nessa sua postura, fala de si mesma.

Sendo a violência multicausal, “produto e produtor de contextos”, há uma relação cíclica com causa e consequência. Desse modo, contribui para a constituição do inimigo, este, no caso das Pedrinhas, é a “classe perigosa” que para Chalhoub (1996) fez com que a população negra desde o início, fosse identificada como a principal suspeita.

A sociedade que tem anos de débito para com a população negra no Brasil, ao invés de reconhecer esta questão histórica e revê-la, a discrimina e a incrimina por uma situação que não foi por ela criada. Bento e Beghin (2005, p. 194) sublinham que os jovens negros são as vítimas principais da violência urbana, miras preferidas dos homicidas e dos abusos policiais. “Eles encabeçam, também, a lista dos desempregados, dos analfabetos, dos que abandonam a escola antes de tempo e dos que têm maior defasagem escolar”.

As autoras enfatizam que, por serem os alvos favoritos da criminalidade violenta, a insegurança é outro aspecto que afeta os jovens negros e, em maior proporção, os do



sexo masculino. Nesta perspectiva, outra entrevistada, Marli<sup>12</sup> enfatiza que por conta de uma parcela grande da juventude, “a maioria tudo jovem se envolvendo com o mundo da criminalidade, com o tráfico de drogas, com tudo que o mundo te oferece de uma forma mais aberta e mais fácil”. Pedrinhas é um bairro “que tem menos jovens, porque muitos morrem cedo, jovens, suas vidas são ceifadas cedo”.

Os jovens, dos quais se refere a entrevistada, são sempre identificados como bandidos e prossegue: “penso, era um bandido, era negro, classe baixa, entendeu?”. Através desta afirmação nos leva a pensar na discussão de Bento e Beghin (2005) quando salientam que a junção desumana de vários fatores: pobreza, racismo, discriminação institucional e impunidade, favorece para o colapso do sistema de segurança e justiça em relação à população negra. Essa relação não é invenção do acaso, para elas:

Distorções como a “presunção de culpabilidade” em relação aos negros resultam em ações que promovem a eliminação pura e simples dos suspeitos, violando os direitos humanos e constitucionais desses jovens. Ações que de tão recorrentes e banalizadas denunciam um processo silencioso de eliminação desse grupo da população (BENTO e BEGHIN 2005, p. 195).

Na análise dos dados referentes a condições de vida dos jovens negros, segundo as autoras, é fundamental enfrentar as diversas e extensas manifestações de discriminação racial vivenciada ao longo do tempo. Assim, na trajetória dos jovens negros, primeiro, é detectado “um ambiente escolar pouco hospitaleiro para os negros, que engendra a evasão ou torna a trajetória educacional mais acidentada” e segundo, “a grande dificuldade de inserção qualificada no mercado de trabalho”. E, por fim, constata-se um genocídio apavorante. O qual “não alimenta uma perspectiva otimista de futuro” e questionam: “Como confiar em si próprio, como acreditar na meritocracia, como avançar se, de antemão, sabe-se que o tratamento será negativamente diferenciado?” Ressaltam ainda que o não ter com quem contar atravessa o cotidiano dos jovens citados.

---

<sup>12</sup>Entrevista realizada em 13/04/2014. Jovem egressa da AAPM, 25 anos de idade.



Outra jovem, Carla<sup>13</sup>, também, contribui com sua fala ao responder ao quesito *relação da juventude do bairro com à criminalidade*, ressalta que:

É uma tristeza porque vejo amigos que viveram na infância comigo, hoje, morrendo por causa de uma coisa que eles acham um meio mais fácil, entrando neste mundo [...], acabar atrás das grades. É triste ver essa situação, pelas famílias que eu conheço, o fato de chorar pela perda de um filho, o desgosto de ver a sociedade criticar pelo fato daquele filho ter sido preso.

Desse modo, Carla afirma que os seus amigos de infância “[...] geralmente, abandonam a escola”, assim, inserem-se no mundo da criminalidade, nesse sentido, esta declaração da jovem se relaciona com a consideração Pais (1990) sobre os percursos cotidianos dos jovens, esses têm uma vida perpassada por trajetórias acidentadas, descontínuas e incertas.

Zaluar (2004, p. 01), contrapõe o entendimento de que os principais agentes pela violência nas grandes cidades sejam a pobreza e a desigualdade. Afirma que “Se a desigualdade explicasse a violência, todos os jovens pobres entrariam para o tráfico [...]”. Argumenta que há “algo a mais” relacionado com este mote que se coliga a um ‘etos da hipermasculinidade’, situação que induz alguns jovens do sexo masculino a se aventurarem, por meio de atividades arriscadas, no tráfico de drogas.

A autora sublinha que ao se instituir a pobreza como causa da violência, é dado “um peso que ela não tem” e promove a criminalização dos pobres, este fato, conclui que são eles os criminosos. E afirma que essa ocorrência explica termos 90% de pobres entre os prisioneiros, mas que há autoridades e outras categorias envolvidas no mundo do crime.

Em se tratando de corrupção, relacionamos o relato de Carla com as considerações de Zaluar quando a jovem afirma que no Brasil, no mundo tem corrupção em todas as áreas e que não adianta querer esconder, pois, “tem corrupção na educação, tem corrupção na saúde, [...], entre os próprios professores, entre a própria polícia e tal”.

---

<sup>13</sup>Entrevista concedida em 11/04/2014. Jovem egressa da AAPM, 19 anos



Carla se refere à violência policial, faceta do fenômeno retratada por quase todos os jovens do universo de nossa pesquisa. Quanto à abordagem policial na relação com a juventude nas Pedrinhas, a entrevistada acrescenta: “É, vamos dizer, assim, acaba que metendo medo literalmente na sociedade. Eu entendo não, com certeza eles estão para nos proteger, [...]. Mas, muitas vezes, acabam abusando deste poder”. Informa que os agentes da Segurança Pública violentam mais a população que a protegem. Carla argumenta que “Em qualquer horário presencia isso [...] Então, foi uma cena assim, meio chocante. [...] não só pela pessoa ter sido abordada, mas, chocante pelo tratamento dado às pessoas, no caso à população”.

Nesse sentido, a entrevistada acima analisa o tratamento policial para com os moradores do bairro, no seu olhar, há excessos tanto para com os abordados tão quanto para com as pessoas que presenciam as práticas dos agentes públicos que têm o papel de proteger os cidadãos do bairro e da cidade, porém, os assusta e os agride.

Marli se posiciona a respeito do assunto e salienta:

Quantas vezes a gente viu policial chegando, abordando o pessoal, estupidamente fazendo uso da farda que tem. Autoridade do poder abusando uma pessoa, que, às vezes, não tem instrução. Também, tem isso, nem todo mundo tem uma boa instrução [...], não sabe se comunicar bem.

Marli traz em seu relato o problema das fragilidades das populações moradoras das periferias no Brasil, muitos, ainda, não têm informações a respeito de seus direitos e, outros, por conta das posturas truculentas de muitos policiais que atuam nestas realidades, amedrontam-se frente aos vários acontecimentos diários nos bairros e se colocam no “lugar do silêncio” como é discorrido por alguns de nossos entrevistados.

Rodrigo<sup>14</sup>, ao tratar da atuação policial no bairro, considera que a polícia abusa do seu poder, pois já presenciou várias cenas e afirma: “Existe exagero de autoridade, isso existe em qualquer lugar [...] realmente já presenciei”.

---

<sup>14</sup>Entrevista realizada em: 20/11/2014. Jovem egresso da AAPM, 27 anos de idade.





Essa exposição é corroborada por Daiane ao considerar que a situação é vivenciada no cotidiano das Pedrinhas:

É o que a gente vivência, os meninos estão ali na esquina; muitas vezes, tem droga e tal. Mas, muitas vezes, também não tem. Quer dizer que não têm direito de ficar ali na esquina<sup>15</sup>? Antes de conversar, é tapa, é chute, é chamando de bandido. Tem que saber a forma de abordagem, porque, muitas vezes, não se justifica.

No que se refere à violência policial, Pedro<sup>16</sup> analisa que a condição de ser jovem já os coloca em uma situação de suspeitos, porque sempre são abordados com ignorância, porém, a postura policial é a mesma para os demais moradores das Pedrinhas:

Abordam todo mundo com ignorância. Bate, não procuram saber quem é a pessoa. Acho que já fica na mentalidade do policial, o bairro, não a pessoa que ele vai abordar. Julgam o bairro, agem com violência, chegam batendo, independentemente, do horário.

Ariel<sup>17</sup>, que teve um irmão assassinado pela polícia no bairro, afirma: “Dentro da minha própria família, escutei muitas conversas que a polícia de forma geral tem sido muito truculenta”. No caso de seu irmão, acrescenta: “A polícia agiu à margem do que ela mesma prega se portar como defensora da vida. A abordagem e o que resultou disso foi completamente desnecessário.”.

No quesito reação frente a uma abordagem violenta da polícia para consigo, Ariel, mesmo ciente dos seus direitos, é universitário, responde: “acho que ficar calado é a melhor forma, já vi relatos de tentar responder a polícia, negócio de reivindicar os direitos e acabar sofrendo mais”.

Nesse sentido, insistimos e perguntamos a Ariel: digamos que a polícia fosse truculenta com você, sem motivo. Permaneceria calado? Ele enfatiza:

---

<sup>15</sup>Pelo o exposto por vários dos nossos interlocutores, ficar na esquina, na unidade urbana pesquisada, é problema, os moradores, principalmente, os jovens, são confundidos com “bandidos” e são violentados por agentes da Segurança Pública local.

<sup>16</sup>Entrevista realizada em 15/01/ 2014. Jovem egresso da AAPM, 25 anos de idade.

<sup>17</sup>Entrevista realizada em 28/10/2014. Jovem egresso da AAPM, 21 anos de idade.



Acho que é uma questão um pouco difícil, minhas irmãs pensaram em ir na Promotoria Pública, mas, foram orientadas a não. Porque, provavelmente, não daria nada, só pioraria a situação, a polícia podia tentar uma retaliação.

Para o jovem acima, sua família calou-se e preferiu o silêncio em detrimento do medo da reação policial. Essa questão, também, foi trazida em outras narrativas. Assim, Marli sublinha: “Tem gente com medo, acredito medo porque um policial pode correr atrás [...], pode mandar matar um filho”. Na visão da jovem, isso acontece porque a lei no Brasil:

Protege algumas pessoas e desprotege outras, pessoas que são bandidos que matam, que estupram tem que cumprir sim, que pague. Mas, quando é uma pessoa de classe alta? Esses ricos, milionários, paga uma fiança e sai. Por que com o pobre, como o negro que não tem condições, fica lá mofando?

Segundo Marli, há dois “pesos e duas medidas” na sociedade brasileira: para os pobres uma abordagem e práticas diferentes das dos ricos. Marcos Paulo<sup>18</sup>, apesar de não ser negro, fala da forma como foi acercado por policiais em um ponto de ônibus, no horário de meio dia, em seu bairro. Enquanto esperava o ônibus, comia um salgadinho e eles falaram:

Mão na cabeça, pegaram o que eu estava comendo e jogaram no chão. Era um salgadinho. Mandaram eu botar as mãos na cabeça e olhar para trás. Fiquei tão nervoso que não lembrava onde eu morava [...], eles me deram um murro, machucou bastante! Minha vó veio, mandaram chamar ela, eu descii. Ficaram dois meninos lá que tinham tatuagem, foi bem ruim.

Diante dos abusos referidos, os entrevistados afirmam não se sentirem seguros com a presença policial no bairro, pois, ao invés de defender a população, a violenta sempre. Reconhecem que a polícia tem uma função social, mas que a Segurança Pública é falha. No bairro, para eles, muitas vezes, os “bandidos” têm mais cuidado com a população do que os policiais. Em momentos de conflitos, com a intenção de protegê-la, avisam para não sair de casa por conta de tiroteio, ao passo que, a polícia, já chega

---

<sup>18</sup>Entrevista realizada em 10/02/2014. Jovem da AAPM, 15 anos de idade.



atirando. Marli relata que: “Por isso, confio um pouco mais neles do que no policial que chega mata e não fala nada e eles avisavam”.

No quesito memória do bairro, os entrevistados trouxeram lembranças de eventos marcantes na relação com a polícia. Desse modo, ponderam:

Pedro: “Acho que o policial, essa visão ficou em minha mente não sei por que, eu nunca tive problema nenhum e nem quero ter”.

Daiane: “é a indignação, comigo nunca aconteceu, [...], mas, a pessoa fica muito envergonhada, uma pessoa que não tem nenhum envolvimento, toma tapa na cara e é chamado de bandido para todo o mundo ver, é complicado!”;

Aline<sup>19</sup>: “Foi a morte dos dois meninos dentro de casa, achei um absurdo, a gente sabe que quem mexe com o que não presta, levam para o Cristo<sup>20</sup>, dão uma surra e leva para prender, dessa vez, eles mataram dentro de casa. A gente nunca viu acontecer isso”. A jovem informou que os jovens mortos foram arrastados como porcos;

Marli: “Marcou muito a morte desses meninos. [...], foi muito triste! O que mais me marcou, foi a crueldade e a frieza de como esses adolescentes foram mortos. Os dois do Peru, como eles dizem e Flavinho<sup>21</sup>. Marcou muito [...], era uma pessoa boa, tinha uma boa convivência com o bairro, tanto ele como outros que morreram” e

Marcos Paulo: “Janeiro de 2010, saiu matando um monte de pessoas e as mães caíram chorando, eu vi aquilo e me marcou bastante, bem triste! Quem sofre mais é as mãe, quem matou, matou, as pessoas, cabou, cabou. Algumas mudaram daqui para não lembrar até”.

Os jovens, por meio de suas narrativas, expressam o sentimento do que é conviver, no cotidiano de suas vidas, com situações tão fortes de violência. Avaliam que a polícia precisa exercer o seu papel, porém, não com truculência e com atitudes que fogem

<sup>19</sup>Entrevista realizada em 24/02/2014. Jovem da AAPM, 16 anos de idade.

<sup>20</sup>Dois jovens entrevistadas relataram que é costume a polícia levar os garotos para a área do Cristo, de Mario Cravo Junior para bater neles e, depois, prendê-los.

<sup>21</sup>Irmão de Daiane e de Ariel. Ele participou da AAPM no início, época que a Instituição se instalou no bairro. Segundo Marli, a sua morte tem questões envolvidas por traz e afirma que “não sei te dizer certo, [...] mas a gente escuta o que o povo fala, mas, é porque talvez ele tava crescendo muito [...], pessoas grandes também. Grandes peixes na relação com ele, na relação com o tráfico, na relação de outras coisas. Então, acredito seja muito isso, porque por trás de um peixe pequeno, tem um outro maior, ainda. Quanto mais tenha um tubarão, mais vai ter uma baleia ou outro maior”.



do aspecto do humano, não invadindo as casas, sem antes, apresentar mandado como percebe João<sup>22</sup>:

Alguns invadem a casa das pessoas, às vezes, entram nas casas. Uma vez, invadiram a casa da minha avó porque tem um beco, dá para ver a mata. Entraram lá só para investigar, sei lá! Já foram entrando.

É por causa do concretamente vivido que João enfatiza que não associa polícia com segurança e diz mais: “Porque nem todo policial dá segurança, entendeu? Têm pessoas que falam que se sentem mais seguras sem policial.

Segundo Marli, por pior bandido que seja tem direito de se defender e afirma: “era um bandido, negro, classe baixa, entendeu? Chegaram, não apresentaram nada e metralhou a pessoa dormindo dentro de casa, matou! Avalia se fosse um filho de um político e se tivesse influência, jamais agiriam de forma desumana. E acrescenta: “um recentemente, foi morto dentro de casa, não fugiu, estava dormindo também. Pegaram ele e foi jogado igual a um porco<sup>23</sup>”.

O interessante, é percebermos que, mesmo depois de discorrer sobre lembranças que estão marcadas e demarcadas negativamente, como a jovem referida pontuou. Ela usa de sua capacidade de resiliência<sup>24</sup> e afirma: “eu acredito que, ainda, existem muitos profissionais bom na polícia”.

Tanto Daiane quanto Ariel argumenta que a polícia que as Pedrinhas precisa e toda a cidade é uma corporação integrada com a comunidade e preparada para as demandas da comunidade. A jovem ressalta que a polícia precisa funcionar e Ariel,

---

<sup>22</sup>Entrevista realizada em 13/02/2014. Jovem da AAPM, 16 anos de idade.

<sup>23</sup>Esta associação da forma como a polícia retirou os jovens assassinados, no bairro, no ano de 2014, com o processo que se faz com os porcos, após o abate; foi citada por duas jovens em suas narrativas: Aline e Marli. Neste sentido, a segunda jovem descreve a sua comparação do evento com o abate do animal citado e afirma: “ele não foi visto como um ser humano, foi visto como um animal, que não influencia [...], quando você abate um porco num lugar e joga, simplesmente, como você joga um objeto fora que você não queira mais, foi jogado fora”!

<sup>24</sup>De acordo com Souza (2006, p. 26), o conceito de resiliência traduz conceitualmente a possibilidade de superação num sentido dialético, isto é, representando um novo olhar, uma resignificação do problema, mas, que não o elimina, pois, constitui parte da história do sujeito. O caráter contextual e histórico da resiliência se expressa, seja do ponto de vista biográfico, seja do conjunto de interações dadas numa cultura determinada.



nesta mesma linha de pensamento de Daiane, percebe que, na Segurança Pública Municipal, falta “um policiamento mais presente e policiais mais bem preparados”. Defende uma relação “saudável” entre a polícia e a população de forma geral.

Portanto, os jovens referidos, além de avaliarem, criticamente, a postura dos agentes da polícia local; eles têm propostas para um funcionamento adequado do trabalho policial nas Pedrinhas e no município de Vitória da Conquista como um todo. Entendem que deveria ser uma atuação pautada não no medo, porém, no respeito mútuo; onde pudesse haver uma convivência “harmônica”. E que, de fato, a polícia cumprisse com o seu papel, o de garantir a segurança a todos os cidadãos conquistenses.

## REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **A condição humana..** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. Tradução Roberto Raposo. 7. ed
- BENTO, Maria Aparecida Silva; BEGHIN, Nathalie. Juventude negra e exclusão radical. **IPEA, Políticas Sociais - acompanhamento e análise**, 11 agost. 2005.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemia na corte imperial.** São Paulo: Companhia das Letras. 1996.
- CHAUÍ, Marilena. **Participando do debate sobre mulher e violência.** Perspectivas Antropológicas da Mulher. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 25-62.
- DAMATTA, Roberto (1994a). **Os discursos da violência no Brasil.** In: Damatta, Roberto. *Conta de mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira.* Editora Rocco, 1994. 2 ed., Rio de Janeiro;
- FRAGA, Paulo Denisar. Violência: forma de dilaceramento do ser social. **Revista Serviço Social & Sociedade**, São Paulo: Cortez, n. 70, p. 44-58, fev. 2006.
- ESPINHEIRA, Gey (Org.). **Sociedade do medo: teoria e método da análise sociológica em bairros populares de Salvador: juventude, pobreza e violência.** Salvador: Edufba, 2011.
- MINAYO, Maria Cecília de. Violência social sob a perspectiva da saúde pública. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.10, supplement. 1, p. 10-18, 1994.
- MIRAGLIA, Paula. Índices de pobreza e o idioma da violência. **Revista Sexta-Feira, Pobreza e Criminalidade**, São Paulo: Ed. 34, n. 8, 2006.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

SANTOS, José Vicente Tavares dos. Microfísica da violência: uma questão social mundial. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 54, n.1, jun./set. 2002. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/sciel>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

SANTOS, João Diógenes Ferreira dos. **Violência no Sertão da Ressaca** – a negação dos direitos da população infanto-juvenil em Vitória da Conquista, BA (1997-2005). 2007. Tese (Doutorado) - PUC-SP, 2007.

SOUZA, Marilza Terezinha Soares de. Resiliência: introdução à compreensão do conceito e suas implicações no campo da Psicologia. **Rev. de Ciências Humanas**. Taubaté, v.12, n. 2, p. 21-29, jun./dez. 2006.

TELLES, Vera da Silva; CABANES, Robert (Orgs.). **Nas tramas da cidade**: trajetórias urbanas e seus territórios. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

YAZBEK, Maria Carmelita. **Sistema de proteção social brasileiro**: modelo, dilemas e desafios. 2010. Disponível em: <[www.mds.gov.br](http://www.mds.gov.br)>. Acesso em: 17 mar. 2014.

ZALUAR, Alba. **Entrevista São Paulo**, segunda-feira, 12 jul. 2004.

ZALUAR, Alba; LEAL, Maria Cristina. Violência extra e intramuros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, n. 45, p. 1-30, fev. 2001.